

Almeida, Maria Antónia Pires de (2002), “Forneiro”, Conceição Andrade Martins, Nuno Gonçalo Monteiro (orgs.), *A Agricultura: Dicionário das Ocupações*, Nuno Luís Madureira (coord.), *História do Trabalho e das Ocupações*, vol. III, Oeiras, Celta Editora, pp. 315-316. ISBN: 972-774-133-9.

Forneiro.

Grupo: Outros.

Variantes: Chamiceiro, Com forno de telhas, Do forno, Dono de forno, Forneira, Moço do forno.

Dono, rendeiro ou foreiro do forno; o que trata ou trabalha com o forno. Esta designação confundia-se com a de *Padeira*, vendedora ou fabricante de pão, uma vez que o meio de pagamento da forneira pela utilização do forno era geralmente em géneros, em pão que depois vendia. Ao descrever o funcionamento dos fornos na região de Monsanto, Maria Leonor Buescu refere que os fornos são individuais e as forneiras é que trabalham neles: “A remuneração em qualquer caso é sempre a mesma, a *poia*, isto é, uma ou mais unidades de cozedura” (Monsanto, Buescu, 1958). A existência de padeiras remonta à Idade Média (Marques, 1981), e uma das manifestações da importância desta profissão feminina em meio rural foi a criação da lenda da Padeira de Aljubarrota, que tanto teria ajudado o exército português, batendo nos castelhanos com a sua pá do forno!

O pão constituiu até há bem pouco tempo a base da alimentação da população portuguesa, tanto rural como urbana. Em meios rurais, de população mais reduzida, cada agregado doméstico produzia habitualmente o seu próprio pão, com a farinha que produziam na sua própria lavoura, que compravam ou que recebiam em comedorias (ver **Criado da Lavoura***). Nas suas casas, as mulheres estendiam e amassavam a farinha, com ou sem a ajuda das **Criadas***, ou tinham a sua própria **Amassadeira***. Após o necessário descanso da massa, o pão era levado ao forno da vila ou da aldeia, onde era cozido ao cuidado da *Forneira* ou do *Forneiro*. O pão durava então para uma semana pelo menos. Nos casos das grandes lavouras, cada monte tinha o seu forno onde tanto o lavrador como os seus criados podiam cozer o pão.

Os fornos destes centros populacionais em meio rural podiam ser comuns (os fornos dos concelhos) ou pertencer a um particular (os fornos senhoriais) ou a uma instituição (como

por exemplo as Misericórdias) que os arrendavam ou aforavam ao forneiro ou forneira. Segundo Armando de Castro, os “fornos constituíam já em meados do século XII um dos meios de produção mais importantes no conjunto da actividade económica”. Existiam fornos de pão, de cal, de telhas, de olaria diversa e de vidro. “Em Santiago do Cacém, por exemplo existiam em 1833 três fornos públicos de pão, além de três de cal e três de telha e tijolo.” (Castro, DHP, 1981).

De facto as referências a fornos abundam em quase todos os forais, e nos diversos costumes e foros da região de Ribacoa, de Santarém, de Évora. Quanto aos *Forneiros*, os Forais Manuelinos referem-nos em três localidades, entre 1514 e 1517, enquanto as *Forneiras* ou *Forneirinhas* estão presentes em 14 localidades entre 1510 e 1519. Em Cascais, em 1514, a classificação encontrada nesta fonte é *Dono de forno*. Em Évora no século XVI havia donos ou rendeiros de fornos cujas escravas desempenhavam a função de forneiras (Fonseca, 1997). Os *Forneyro*, *Forneira* ou *Do forno* também são referidos nos Livros de Décimas de Arraiolos e Avis desde 1646. Os livros da Contribuição Municipal de Arraiolos, 1839, incluem as seguintes categorias: *Forneiro / com um forno pela sua industria / com forno de telhas*. Como ajudantes dos forneiros, as fontes registam as seguintes categorias: o *Moço do forno* (Lisboa, séc. XVIII) e o *Chamiceiro* (Vasconcelos, 1933), que apanha e carrega com os chamiços, a lenha miúda necessária para acender o lume. Também as fontes literárias têm referências a esta profissão em meio rural, como é o caso da mãe do personagem principal d’*A Noite e a Madrugada* (Namora, 1950), que é forneira e é dessa actividade que a família vive.

Os forneiros de fornos de pão prolongaram-se até meados do século XX em meio rural, onde o pão de fabrico industrial ainda nos nossos dias tem dificuldade em penetrar por escassez do consumo. Os livros do recenseamento eleitoral de Avis, por exemplo, ainda em 1964 registam esta profissão em todas as freguesias, assim como os recenseamentos gerais da população (INE, 1960). Esta fonte refere ainda as categorias de *Forneiro de cerâmica* (1940); *Forneiro de metalurgia* (1960); *Forneiro de vidro e cerâmica* (1960). O forno de telhas foi frequente no Alentejo sobretudo nas regiões dos chamados “Barros”, como há perto de Beja e na freguesia da Figueira e Barros, concelho de Avis, onde alguns lavradores complementaram a sua produção agrícola com esta actividade industrial, usando a matéria-prima das suas terras e a mão-de-obra da sua lavoura.